

Revisão fonêmica do Katukina Páno

Phonemic Revision of the Katukina Panoan

*Flávia Leonel Falchi**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ CAPES*

Resumo: A língua Katukina da família Páno é falada pelo grupo indígena Katukina. Esse grupo vive na Amazônia, em duas terras indígenas: Terra Indígena Campinas/Katukina e Terra Indígena Rio Gregório. Segundo Aguiar (2007), essas terras se localizam no município de Tarauacá, situado no estado do Acre, Brasil. Conforme Aguiar (2007), a língua indígena Katukina é falada diariamente por esse grupo. Diante da divergência encontrada entre estudos que descrevem os fones, os fonemas, a sílaba e o acento do Katukina, apresenta-se uma revisão acerca desses estudos, assinalando o problema de haver divergências como essas nas descrições que vêm sendo realizadas das línguas. Assim, apresenta-se uma discussão a respeito dos métodos tradicionais de descrição de línguas: transcrever e interpretar.

Palavras-chave: Língua Katukina. Descrição linguística. Transcrição. Interpretação de dados.

Abstract: The Katukina language belongs to the Panoan family and it is spoken by the indigenous group Katukina, who lives in the state of Acre, Brazil. The Katukina group lives in two indigenous lands in the Amazon rainforest: Terra Indígena Campinas/Katukina and Terra Indígena Rio Gregório. According to Aguiar (2007), the two lands are located in the town of Tarauacá. As stated by Aguiar (2007), this group speaks Katukina on a daily basis. Faced with the divergence found in studies that describe phones, phonemes, the syllable and the accent of Katukina, we present a revision about these studies, signaling the problem of having divergences like these in the descriptions that are being done of the languages. Thus, we present a discussion of the traditional methods of language description: transcribing and interpreting.

Keywords: Katukina language. Phonemic. Language description. Transcription. Data interpretation.

Introdução

O presente artigo é um recorte do texto de minha monografia de Bacharelado em Estudos Linguísticos, defendida na Universidade Federal de Goiás em 2013 e orientada pela Profa. Dra. Maria Suelí de Aguiar (FALCHI, 2013)¹. A monografia aborda a divergência existente entre descrições fonéticas e fonológicas da língua Katukina pertencente à família Páno.

A língua Katukina é falada na Amazônia brasileira, no estado do Acre, pelo grupo indígena Katukina. De acordo com Aguiar (2007), esse grupo habita duas terras indígenas localizadas no município de Tarauacá. As terras indígenas Campinas/Katukina e Rio Gregório, onde vivem os Katukina, estão situadas, como aponta Lima (1994), na região do alto Juruá, afluente da margem direita do rio Solimões. Aguiar (1988) detalha que a Terra Indígena Rio Gregório é cortada pelo rio Gregório, afluente do rio Juruá. Já a Terra Indígena Campinas/Katukina se encontra entre os rios Campinas e Vaivém, rio este que deságua no rio Liberdade, também afluente do Juruá.

Góes (2009) afirma que todos os Katukina falam a língua indígena. Especialmente os homens adultos dominam a língua portuguesa, que é compreendida por mulheres e crianças de forma restrita. Aguiar (2007) assinala que o grupo usa nas comunicações cotidianas a língua Katukina, sendo o português raramente usado.

O primeiro estudo envolvendo essa língua indígena foi feito por Rivet (1920). Descrições fonéticas e fonológicas dessa língua foram realizadas por Paula (1969)², Barros (1987), Oliveira (1985), Aguiar (1985, 1988, 1994, 2003), Lanes (2005), Falchi e Aguiar (2011, 2012) e Falchi (2011). Além desses trabalhos, Maria Suelí de Aguiar vem escrevendo um livro sobre a língua Katukina que apresenta uma parte que trata especificamente de fonética e fonologia.

Sobre fonética e fonologia do Katukina, há também os seguintes trabalhos, aos quais não tive acesso: 'A estrutura silábica do Katukina' e 'O pé métrico em Katukina', de Maria Suelí de Aguiar; 'Katukina: a nasalidade por uma ótica de contorno', dessa mesma autora e

¹ Agradeço os comentários acerca da monografia feitos pelas professoras da banca examinadora, Profa. Dra. Aline da Cruz e Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido. Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de Iniciação Científica concedida de 2010 a 2013 para pesquisa sobre a língua indígena Katukina.

² O ano 1969 é apresentado aqui como sendo o do manuscrito de autoria de Ruth Wallace de Garcia Paula. Considero o ano do material que consta no cadastro do manuscrito no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde o material foi localizado. Contudo, esse ano é duvidoso, uma vez que, no material, o ano 1976 foi manualmente escrito na parte específica sobre a língua Katukina.

de Humberto José Longo; ‘Proposta de protoformas fonológicas e lexicais para as línguas Katukina e Marubo’, de Fernando Nicolau de Souza; e ‘A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukina (Páno)’, que é uma síntese da dissertação de Luizete Guimarães Barros.

Missionários da Missão Novas Tribos (1975, 1977a, 1977b, 1982a, 1982b, 1982c, 1982d) também analisaram fonologicamente o Katukina com a finalidade de elaborar uma proposta de escrita. A Comissão Pró-Índio do Acre possivelmente também descreveu fonologicamente a língua Katukina com esse mesmo fim. Contudo, apesar do levantamento bibliográfico realizado, não foi localizado, até o momento, nenhum material da Comissão Pró-Índio do Acre que apresente uma proposta de escrita para a língua Katukina.

Ao observar os estudos fonéticos e fonológicos a que tive acesso, notam-se divergências entre eles quanto às descrições apresentadas, no que diz respeito, principalmente, ao estabelecimento dos fones, fonemas e da estrutura silábica do Katukina. Há divergência ainda quanto à descrição do acento³. Esses estudos divergem entre si mesmo empregando, na maioria das vezes, a mesma abordagem para a análise: uma abordagem estruturalista que segue a corrente Fonêmica. Somente Aguiar (1994, 2003) e Lanes (2005) fazem uso de outra abordagem. Aguiar (1994, 2003) segue a linha teórica gerativista e suas ramificações. Lanes (2005) faz uso do modelo de Clements e Hume.

Ao constatar tal divergência entre os estudos do Katukina, inicialmente pensei que ela não deveria ocorrer, dado o fato de o objeto de estudo ser o mesmo em todos as descrições: a língua Katukina, um sistema com uma estrutura fonética e fonológica sincronicamente definida. Entretanto, o pensamento acerca da não ocorrência de divergência não é verdadeiro se se considerar que cada descrição é também uma interpretação do estudioso que a faz e que, dependendo dos dados coletados, variedades diferentes da língua estarão presentes nos dados conforme os informantes. Por isso, a importância de se coletar dados de falantes variados. A possibilidade de a divergência entre os estudos do Katukina se dever, além da interpretação, também às diferentes variedades dessa língua se baseia nas diferenças que encontrei entre as transcrições dos estudiosos.

Além disso, Silva (2007) diz haver tipos diferentes de transcrição fonética. Há transcrições fonéticas que explicitam todos os detalhes articulatórios observados, enquanto outras omitem aspectos condicionados por contexto ou características particulares da língua, trazendo somente as propriedades segmentais. Observei que a forma como cada estudioso da língua Katukina optou por transcrever os dados influenciou especialmente na descrição dos fones do Katukina.

³ Ischy (2009) também aponta a existência de divergência semelhante entre os estudos sobre o Kaxarari, língua também pertencente à família Páno.

Massini-Cagliari e Cagliari (2001, p. 131-132) colocam que “a transcrição fonética depende de uma tradição, segundo a qual o que ouvimos é representado, entre colchetes, em termos de segmentos”. Pike (1947, p. 67, tradução nossa) aponta que

é certo que o investigador comete vários erros, [...] mas se ele pensa ouvir determinado som ou variedade de som, ele o escreve. [...] Apesar de estar ou não enganado, ele escreve os sons que pensa ouvir. É a partir desses dados, ou desses dados revisados, que o investigador deve, por fim, deduzir os fonemas.⁴

Sobre as transcrições, é válido observar que a tradição científica nos habituou a padrões que previamente tomamos como científicos, sem sequer questionarmos. Esses padrões, por sua vez, podem nos colocar métodos falhos, nos levando também a resultados falhos. Isso porque, se os métodos são falhos, provavelmente haverá falha nos resultados. Segundo Ochs (1979) e Duranti (1997), as transcrições são produtos analíticos que seguem objetivos específicos de análise. Todavia, Duranti (1997) assinala não existir transcrição final, mas versões diferentes, revisadas, de uma transcrição anterior e Paiva (2003, p. 146) afirma que “não existe transcrição de dados linguísticos perfeita e incontestável, dado que essa atividade envolve, inevitavelmente, um componente subjetivo”.

A seguir, passa-se a tratar dos fones, dos fonemas, da sílaba e do acento do Katukina em descrições existentes acerca dessa língua.

1 Fones e fonemas

De acordo com Paula (1969), no Katukina, foram identificados os fones (p, b, t, d, k, g, ʔ, ʙ, ʙ̃, s, z, ʃ, ʒ, ʃ̃, ʒ̃, h, ts, dz, tʃ, dʒ, m, n, ñ, ŋ, ɾ, w, y, i, e, ε, i, a, ʌ, o, u)⁵, além de fones vocálicos nasais. Quanto aos fonemas dessa língua, a autora apresenta os seguintes quadros:

⁴ “The investigator is certain to make numerous errors, [...] but if he thinks he hears a certain sound or variety of sound, he writes it. [...] Regardless of whether or not he is mistaken, he writes the sounds which he thinks he hears. It is from these data, or these data revised, that he must ultimately deduce the phonemes”. (PIKE, 1947, p. 67)

⁵ Os fones vêm, no trabalho de Paula (1969), postos entre (). Para as citações de trabalhos feitos sobre o Katukina, são mantidos os símbolos fonéticos utilizados pelos autores.

Quadro 1 – Fonemas consonantais conforme Paula (1969, p. 14)

	Bilabial	Alveolar	Alv. palatal	Palatal	Velar	Glotal
OCLUSIVAS Surdas	p	t			k	ʔ
FRICATIVAS Surdas Sonoras	v		ch	sh		h
AFRICADAS Surdas Sonoras		ts	tx			
NASAIS Sonoras	m	n	nh			
DESFRALD. Sonora		r				
SEMIVOGAIS Sonoras	w			y		

Quadro 2 – Fonemas vocálicos conforme Paula (1969, p. 15)

	Anterior	Média	Posterior
Alta	i		
Média		e	o
Baixa		a	

Em relação ao quadro de fonemas consonantais de Paula (1969), a autora também reconhece, no Katukina, o fonema /s/. Ademais, em Paula (1969), o fonema /ʔ/ também aparece representado por /' /.

Para essa estudiosa, os fones do Katukina estão organizados da seguinte forma:

- /p/ (b) - [ocorre] somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (m)
 (p) - em qualquer lugar
- /t/ (d) - somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (n)
 (t) - em qualquer lugar

- /k/ (g) - somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (ŋ)
(k) - em qualquer lugar
- /ʔ/ (ʔ) - no meio da palavra e flutuando com silêncio, no início e fim da palavra
- /v/ (ʰb) - somente no início da palavra
(b) - em qualquer lugar
- /s/ (z) - somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada
(s) - em qualquer lugar
- /ch/ (ž) - somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada
(š) - em qualquer lugar
- /sh/ (š) - no início, meio e fim da palavra
- /h/ (h) - no início da palavra
- /ts/ (dz) - somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (n)
(ts) - em qualquer lugar
- /tx/ (dž) - somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (n)
(tš) - em qualquer lugar
- /m/ (m) - no início e no meio da palavra

- /n/ (ŋ) - somente precedendo contiguamente (g)
 (n) - em qualquer lugar
- /nh/ (ñ) - no meio da palavra
- /r/ (ř) - no início e meio da palavra
- /y/ (ž) - somente seguindo contiguamente (i)
 (y) - em qualquer lugar
- /w/ (w) - no início e meio da palavra
- /i/ (e) - flutuando com (i) e no fim da palavra
 (ɛ) - somente no início da palavra seguindo contiguamente ao (i) não
 acentuado
 (i) - em qualquer lugar
- /e/ (i) - no início, meio e fim da palavra
- /a/ (ʌ) - flutuando com (a) no meio e fim da palavra
 (a) - no início, meio e fim da palavra
- /o/ (u) - flutuando com (o), no meio e fim da palavra
 (o) - no início, meio e fim da palavra (PAULA, 1969, p. 15-18).

Quanto ao fonema /sh/, seu fone possivelmente é (š) e não (ś), uma vez que Paula (1969), em alguns itens, transcreve foneticamente o fonema /sh/ como (š) em seu trabalho.

Conforme essa estudiosa, no Katukina, há vogais nasais, o que a autora argumenta com itens como:

/pichi/	‘costela’
/pichĩ/	‘esteira de palha’
/ronke/	‘torto’
/ronkẽ/	‘buraco’

Segundo Barros (1987), outra estudiosa da língua Katukina, os fones e os fonemas consonantais dessa língua são:

Quadro 3 – Fones consonantais de acordo com Barros (1987, p. 13)

	Bila- bial	Lábio- dental	Inter- dental	Alveo- lar	Retro- flexa	Alveo- palatal	Pala- tal	Velar	Glotal
OCCLUSIVO									
Surdo	p			t				k	ʔ
Sonoro	b			d				g	
AFRICADO									
Surdo			tθ	ts		č			
Sonoro				dz		ǰ			
FRICATIVO									
Surdo				s	š	š		x	h
Sonoro	b	v		z		ž			
NASAL									
Sonoro	m			n		ɲ		ŋ	
TAP									
Sonoro				ɻ					
SEMIVOGAL									
Sonoro	w						y		

Quadro 4 – Fonemas consonantais de acordo com Barros (1987, p. 29)

	Bilabial	Alveolar	Retro- flexa	Alveo- palatal	Palatal	Velar	Glotal
OCCLUSIVA Surda	p	t				k	ʔ
AFRICADA Surda		ts		č			
FRICATIVA Surda Sonora	v	s	ʃ	š			
NASAL Sonora	m	n					
TAP Sonoro		ɾ					
SEMIVOGAL Sonora	w				y		

A autora analisa os fones [p] e [b] como um só fonema, estando esses fones em distribuição complementar: o fone sonoro ocorre em contexto nasal e o surdo nos demais ambientes. Tal distribuição também é encontrada entre os fones surdos e sonoros [t] e [d], [k] e [g], [č] e [ʃ], [s] e [z], [š] e [ž].

[ka'piʔ]	/kapi/	‘jacaré’
[čãm'boʔ]	/čəpu/	‘grilo’
[ta'raʔ]	/taɾa/	‘lata’
[nõn'deʔ]	/nũti/	‘canoa’
[wa'kaʔ]	/waka/	‘água’
[yõŋ'gaʔ]	/yũka/	‘goiaba’

Barros (1987) diz não ter constatado nos dados a ocorrência de [ž], que seria o alofone sonoro de [š]. Entretanto, considera a possibilidade de não ter identificado o fone [ž] por motivos de percepção auditiva.

Quanto à distribuição complementar apontada, a autora observa uma flutuação entre os alofones surdo e sonoro em contexto nasal. Tal flutuação provavelmente se deve a fatores de velocidade: “o alofone surdo costuma fazer parte da repetição de uma mesma expressão, por isso associamos a forma surda à velocidade mais lenta, nas expressões formadas por uma raiz lexical e nos casos de juntura de morfemas” (BARROS, 1987, p. 31):

[kã̃n'deʔ] ~ [kã̃n'teʔ] /kã̃ti/ ‘arco’

Distribuição complementar semelhante a que ocorre com [p] e [b], foi verificada por Barros (1987) com os alofones [ts], [tθ] e [dz]. Como itens que apresentam [tθ], a autora fornece os exemplos [a'tθaʔ], ‘macaxeira’, e [tθa'tθaʔ], ‘peixe’, e com base nas transcrições fonéticas para esses itens, Barros (1987) aponta uma possível flutuação entre [tθ] e [ts]:

[a'tθaʔ] ~ [a'tsaʔ] /atsa/ ‘macaxeira’
[tθa'tθaʔ] ~ [tsa'tsaʔ] /tsatsa/ ‘peixe’

Essa pesquisadora considera que no Katukina há o fonema /ʔ/, constituído pelos fones [ʔ] e [h]. O último alofone ocorre em início de sílaba no começo de palavras. Quanto a [ʔ], Barros (1987) descreve sua ocorrência no início de sílaba inicial de palavra, no início de sílaba não inicial de palavra, no fim de sílaba não final de palavra e no fim de sílaba final de palavra, sendo, neste caso, esse som um travador silábico natural dos itens terminados por vogal oral. Assim, nessa última posição, o fone [ʔ] não é linguisticamente relevante. Esse fone também não é linguisticamente relevante no fim de sílaba não final de palavra, uma vez que, nessa posição, a presença ou ausência de [ʔ] oscila. Barros (1987) também identifica o fone [x] no Katukina.

No que diz respeito ao fone [ɲ], a autora o descreve ocorrendo no fim de sílaba não final de palavra e no fim de sílaba final de palavra. Para [ɲ], sua ocorrência no início de sílaba está condicionada à presença de /ĩ/, como se pode observar a seguir:

[vĩ ^h naʔ]	/vĩna/	‘abelha’
[vi ^h naʔ]	/vina/	‘novo’

Barros (1987, p. 37) afirma que

a nasalização vocálica em final de palavra pode-se dar de maneira semelhante à nasalização em meio de palavra. Isto é, o segmento vocálico e semivocálico é nasalizado, e a nasalização se desenvolve pela presença de uma consoante nasal: velar no caso de vogal baixa, e palatal nos casos de vogal ou semivogal alta.

Na análise de Barros (1987), dois fonemas do Katukina, /n/ e /y/, podem ser realizados como [ɲ]. A semivogal palatal se realiza como [ɲ] quando esse fonema aparece junto a /ã/. O fonema /n/ se realiza como [ɲ] por assimilação progressiva quando aparece depois de vogal alta nasalizada.

Em relação aos fones vocálicos, conforme Barros (1987, p. 22), “parece existir doze qualidades vocálicas relevantes em Katukina, que equivalem a seis sons orais e seis nasais”, como mostram os quadros que seguem:

Quadro 5 – Fones vocálicos orais em Barros (1987, p. 22)

	Anterior		Central		Posterior	
	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.
Alto	i		ĩ			u
Médio	e					o
Baixo			a			

Quadro 6 – Fones vocálicos nasais em Barros (1987, p. 23)

	Anterior		Central		Posterior	
	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.
Alto	ĩ		ĩ			ũ
Médio	ẽ		ã			õ

Para a pesquisadora, há no Katukina quatro fonemas vocálicos orais, / i, i, a, u /, e quatro nasais, / ĩ, ĩ, ã, ã / . A autora apresenta alguns questionamentos em relação à

representação dos fonemas vocálicos dessa língua pelos símbolos /i/ e /u/ e não pelos símbolos /e/ e /o/, sendo um dos argumentos o de que o fone [o] é mais frequente que o fone [u] no *corpus* utilizado por Barros (1987). Contudo, por analogia ao sistema nasal, em que os fones [ũ] e [ĩ] são mais frequentes e contam com possibilidades distribucionais mais amplas do que os fones [õ] e [ẽ], a autora reconhece como fonemas /i/ e /u/.

Sobre a existência de vogais nasais no Katukina, Barros (1987) argumenta que existem nessa língua oposições entre ditongos nasais e orais. Dentre os argumentos apresentados, a autora fornece também dois itens lexicais em que a oposição se deve à presença de uma vogal oral e de uma vogal nasal.

Oliveira (1985) descreve os seguintes fonemas consonantais para o Katukina:

Quadro 7 – Fonemas consonantais de acordo com Oliveira (1985, p. 2)

p	t			k	
m	n				
	r				
β	s	ʃ	ʂ		h
	ts	tʃ			
w		y			

Oliveira (1985) considera que todas as consoantes surdas são realizadas como sonoras no Katukina quando precedidas de consoante nasal ou de vogal. Distribuição semelhante em relação ao contexto nasal foi descrita por missionários da Missão Novas Tribos (1975).

Oliveira (1985) aponta que o fonema /n/ é realizado como (ɲ) em contexto em que é precedido de /i/, sendo esse fonema pronunciado como (n) nos demais ambientes. Missionários da Missão Novas Tribos (1982b) também descrevem essa realização de /n/. Para a oposição encontrada entre os itens [pu'nĩ], 'azul, verde', e [pu'ɲĩ], 'braço', Oliveira (1985) interpreta fonemicamente da seguinte forma:

(pu'nĩ)	/punan/	'azul, verde'
(pu'ɲĩ)	/puinan/	'braço'

Assim, o autor não atribui ao fone (ɲ) a condição de fonema. Já o fone (h), que ocorre, segundo o estudioso, somente no início de palavra, é um fonema, o que Oliveira (1985) afirma com base em itens como:

(ho'noʔ)	/hunu/	'porco'
(o'noʔ)	/unu/	'lá'

Quanto ao fone [ʔ], esse não constitui um fonema na visão de Oliveira (1985). Tal fone ocorre em todo final de palavra terminada com um fone vocálico oral.

Em relação aos fonemas vocálicos do Katukina, esse autor apresenta o seguinte quadro:

Quadro 8 – Fonemas vocálicos de acordo com Oliveira (1985, p. 4)

i	i	u
a		

Um dos fones vocálicos identificados pelo autor é (ɛ), que é “variante de (e) que ocorre quando seguida de (a), algumas vezes” (OLIVEIRA, 1985, p. 5).

Esse estudioso analisa os fones vocálicos nasais como variantes dos vocálicos orais que antecedem, numa mesma sílaba, uma consoante nasal. Isso porque o autor identificou fones consonantais nasais nessa posição e o fato de considerar a existência de uma consoante nasal que segue uma vogal oral não transgredir a estrutura silábica do Katukina. Além disso, de acordo com Oliveira (1985, p. 6), nessa língua existe

uma restrição de uso da oclusiva glotal quando em ambiente pós-nasal. Sabemos que fisicamente é possível a ocorrência da glotal após vogais nasais, o que não acontece seguindo consoantes nasais. Daí, concluímos que se pode propor a existência de uma consoante nasal seguindo as vogais em questão e justificando a não ocorrência da oclusiva glotal neste ambiente, em final de palavras.

Segundo Aguiar (1985), os fones e fonemas do Katukina são:

Quadro 9 – Fones para Aguiar (1985, p. 2)

p b	t d	k g	ʔ
m	n	ɲ	
	r		
β	s z	ʃ ʒ	h
	ts	tʃ dʒ	
		y w	
	i ĩ	i ĩ	u ũ
	e	o	
	ẽ		
	a		

Quadro 10 – Fonemas para Aguiar (1985, p. 3)

p	t	k
m	n	
	r	
β	s ʃ	h
	ts tʃ	
	y	w
	i i	u
	a	

Aguiar (1985) analisa que o fone [ʔ] ocorre na sílaba final de enunciados e o fonema /h/ ocorre no início deles. Os fonemas /y/ e /w/ foram analisados por essa autora como consonantais. Tais fonemas também foram assim analisados por missionários da Missão Novas Tribos (1977a, 1982c).

Aguiar (1985) descreve os fones [b], [g] e [dʒ] ocorrendo em ambiente nasal em sílaba tônica, enquanto os seus correspondentes surdos, [p], [k] e [tʃ], ocorrem nos demais ambientes. No caso de ambiente nasal e tônico, é permitida a ocorrência de [p] ou [b] e de [k] ou [g]. Os fones [d], [z], [ʒ] e [ʒ] também ocorrem em ambiente nasal e seus correspondentes surdos, [t], [s], [ʃ] e [ʃ], nos demais ambientes. Em relação ao fone [ɲ], esse aparece em sílaba nasal quando é antecedido de fone vocálico nasal, enquanto [n] ocorre nos demais ambientes.

Aguiar (1985) afirma que as vogais do Katukina são orais, sendo que aparecem foneticamente nasais, devido à nasalização que sofrem de uma consoante nasal, quando esta ocupa o final das sílabas. Aguiar (1994) propõe que os fones vocálicos nasais sejam interpretados como vogais orais seguidas do arquifonema **N**. Conforme essa estudiosa,

em defesa da hipótese de que as vogais serão sempre orais, seguidas eventualmente de nasal, temos o dado [kaman] ‘onça’ que quando, no nível sintático, cumpre o papel de sujeito de uma oração transitiva se realiza como [kamanan]. Além disso, [...] na língua Chacobo, outra língua Pano, esse mesmo item lexical é [kamano]. Isso nos parece suficiente para garantir que não há vogais nasais. A nasalidade no katukina é ancorada no processo de degeneração da sílaba que essa língua sofreu com relação a outras línguas Pano. Podemos dizer que a nasalidade é apenas um vestígio histórico de que houve uma consoante nasal nessa posição. (AGUIAR, 1994, p. 81-82)

Ademais, Aguiar (2003) argumenta que não há vogais nasais no Katukina, uma vez que nessa língua não existe contaminação intersilábica e há autonomia nas sílabas. Assim, “se o núcleo de uma delas for foneticamente nasal, ele poderá ser interpretado fonologicamente como núcleo oral seguido de coda nasal sem ônus para a sílaba seguinte” (AGUIAR, 2003, p. 208).

Diferentemente de Aguiar (1985), os seguintes quadros para os fones e fonemas do Katukina são apresentados por Aguiar (1988), com alteração no que diz respeito à descrição feita por Aguiar (1985):

Quadro 11 – Fones consonantais em Aguiar (1988, p. 15)

Modo de Articulação \ Ponto de Articulação		Labiais	Dentais	Retroflexas	Palatais	Velares	Glotaís
Oclusivas	surdas	p	t			k	ʔ
	sonoras	b	d			g	
Nasais	sonoras	m	n		ɲ		
Fricativas	surdas		s	ʂ	ʃ		h
	sonoras	β	z	ʐ	ʒ		
Africadas	surdas			ts	tʃ		
	sonoras				dʒ		
Aproximantes		r			J	w	

Quadro 12 – Fones vocálicos em Aguiar (1988, p. 15)

	Anteriores não arredondadas	Centrais não arredondadas	Posteriores Arredondadas
Alta	i ĩ	i ĩ	u ũ
Média	e ě	ẽ	o õ
Baixa		a	

Quadro 13 – Fonemas consonantais em Aguiar (1988, p. 19)

Modo de Articulação \ Ponto de Articulação		Labiais	Dentais	Retroflexas	Palatais	Velares	Glotaís
Oclusivas		p	t			k	
Nasais sonoras		m	n				
Fricativas		β	s	ʂ	ʃ		h
Africadas			ts		tʃ		
Aproximantes			r		J	w	

Quadro 14 – Fonemas vocálicos em Aguiar (1988, p. 20)

	Anteriores não arredondadas	Centrais não arredondadas	Posteriores Arredondadas
Altas	i	i	u
Baixas		a	

As principais diferenças desse último estudo, Aguiar (1988), em relação à Aguiar (1985) são: a identificação dos fones vocálicos nasais [ẽ] e [õ]; a descrição dos fones [b], [g] e [dʒ] aparecendo somente quando um segmento nasal os antecede; a ocorrência do fonema /h/ apenas no início de palavra; a ocorrência de [ʔ] somente na última sílaba de palavra terminada em vogal; e a descrição do fone [ɲ] aparecendo só quando a vogal anterior alta nasalizada o antecede. Como exemplo da ocorrência de [ɲ], Aguiar (1988) traz o seguinte item:

[puĩʎĩ] /puinan/ ‘braço’

Aguiar (1994, p. 82) diz que **i** e **ĩ** “afetam a natureza da nasal posposta a eles, fazendo com que ela seja sempre uma nasal palatalizada [ɲ], mas, somente se esses segmentos - **i** e **ĩ** - forem nasais foneticamente e precederem um segmento também nasal na posição de onset”.

Aguiar (1988, p. 19) justifica que [ʔ] não constitui um fonema no Katukina, porque ocorre automaticamente. Aguiar (1994) continua assumindo que [ʔ] não constitui um fonema. Contudo, afirma que “há outras possibilidades de interpretação da glotal” (AGUIAR, 1994, p. 73).

Em relação ao som [r], Aguiar (1988) diz ter dúvidas se ele é mesmo aproximante ou tepe. Aguiar (1994) assume esse som como tepe, como se pode observar a seguir:

Quadro 15 – Fonemas de acordo com Aguiar (1994, p. 45)

Oclusivas	p	t	k
Africadas		ts tʃ	
Fricativas	β	s ʃ ʂ	h
Tepe		r	
Nasais	m	n	
Aproximantes	w	y	
Vogais	i	i	u
		a	

Para o Katukina, Aguiar (2003) descreve os seguintes fonemas:

Quadro 16 – Fonemas segundo Aguiar (2003, p. 195)

Oclusivas	p	t	k
Africadas		ts tʃ	
Fricativas	β	s ʃ ʂ	h
Tepe		r	
Nasais	m	n	
Aproximantes	y	w	
Vogais	i	ɪ	u
		a	

Lanes (2005) também descreve os fones vocálicos do Katukina, fornecendo estes quadros:

Quadro 17 – Fones vocálicos orais conforme Lanes (2005, p. 122)

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i	ɨ	u
	ɪ		ʏ ɯ
Médio		ə	
		ɐ	
Aberto		a	

Quadro 18 – Fones vocálicos nasais conforme Lanes (2005, p. 122)

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	ĩ	ĩ	ũ
	ĩ		ĩ õ
Médio			
Aberto		ẽ	

Já Falchi e Aguiar (2011) consideram que os fones e fonemas do Katukina são:

Quadro 19 – Fones consonantais em Falchi e Aguiar (2011, p. 4)

	Bilabial		Dental		Alveolar		Retroflexo		Alveopalatal		Palatal		Velar		Uvular		Glotal		
	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	
Oclusivo	p	b	ṭ	ḍ					tʃ	dʃ	c	ç	k	g	q	ɢ	ʔ		
Nasal		m	ṇ		n						ɲ		ŋ						
Tepe					r														
Africado					ts	dz													
Fricativo	ɸ	β			s	z	ʂ	ʐ	ʃ	ʒ									h
Aproximante		w										j							

Quadro 20 – Fones vocálicos em Falchi e Aguiar (2011, p. 5)

	Anterior		Central		Posterior		
	Não-arredondado		Não-arredondado		Não-arredondado	Arredondado	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Oral	Nasal
Muito fechado	i	ĩ	i			u	ũ
Fechado	ɪ	ĩ				ʊ	ũ
Médio fechado	e	ẽ				o	õ
Médio			ə	ã			
Médio aberto	ɛ					ɔ	
Aberto			ɐ				
Muito aberto			a		ɑ		

Quadro 21 – Fonemas consonantais segundo Falchi e Aguiar (2011, p. 12)

	Bilabial		Dental		Alveolar		Retroflexo	Alveopalatal	Palatal	Velar
	Su	So	Su	So	Su	So	Su	Su	So	Su
Oclusivo	p		t					tʃ		k
Nasal		m		n					ɲ	
Tepe						r				
Africado						ts				
Fricativo						s	ʂ	ʃ		
Aproximante		w							j	

Quadro 22 – Fonemas vocálicos segundo Falchi e Aguiar (2011, p. 12)

	Anterior	Central	Posterior
	Não-arredondado	Não-arredondado	Arredondado
	Oral	Oral	Oral
Muito fechado	i	i	u
Muito aberto		a	

2 Sílaba

Em Falchi e Aguiar (2011) e em Falchi (2011), a estrutura silábica proposta para o Katukina foi (C)(C)V(C)(C). Somente esses dois estudos dentre os já feitos sobre a sílaba do Katukina e que tive acesso (PAULA, 1969; BARROS, 1987; OLIVEIRA, 1985; AGUIAR, 1985, 1988, 1994, 2003) apontam uma estrutura silábica para essa língua diferente de (C)V(C). Para a descrição apresentada em Aguiar (1985), afirmo isso com cautela, pois tal trabalho, que tive acesso através do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está com a escrita meio apagada no tópico que trata da sílaba do Katukina.

No que diz respeito à posição pós-vocálica, segundo Barros (1987), os fonemas fricativos e semivocálicos descritos pela autora preenchem a posição de travador silábico. Já de acordo com Oliveira (1985), a posição pós-vocálica é ocupada por nasais e fricativas identificadas pelo autor. Para Aguiar (1985), os fonemas que ocorrem nessa posição são /ʃ, y, w/. Já Aguiar (1988) descreve os fonemas /n, s, ʃ, j/ e Aguiar (1994, 2003) os segmentos /s, ʃ, ʂ, r, n, w, y/.

Em relação à posição pré-vocálica, Aguiar (1994, 2003) considera que /p, t, k, ts, tʃ, β, s, ʃ, ʂ, h, r, m, n, w, y/ preenchem a posição de *onset*, isso é, todos os fonemas consonantais descritos nesses trabalhos.

Na posição de núcleo, conforme Aguiar (1994), todos os fonemas vocálicos identificados por essa estudiosa aparecem. Assim, essa posição é preenchida por /i, i, a, u/.

3 Acento

Barros (1987) descreve que a maior parte das raízes nominais do Katukina é composta por duas sílabas com a última sílaba acentuada. Aguiar (1994) coloca que os itens lexicais padrão do Katukina são dissilábicos e oxítonos.

Conforme missionários da Missão Novas Tribos (1977a, p. 2), “a regra geral é que a sílaba tônica é a segunda sílaba da palavra”. Como a maioria dos itens lexicais do Katukina é constituída por duas sílabas, possivelmente os missionários considerem como segunda sílaba da palavra a última sílaba.

Falchi e Aguiar (2011) analisam que há palavras com o acento na penúltima sílaba. Segundo o estudo de Barros (1987, p. 67), no Katukina, “as palavras com mais de duas sílabas podem trazer o acento na última, penúltima ou antepenúltima sílaba. [...] A tendência normal das palavras de três sílabas é de acento na última sílaba. Há exemplos, no entanto, de acento na penúltima e na antepenúltima sílabas”. A autora observa também casos de oscilação na posição do acento. Barros (1987) atribui essa oscilação a fatores de velocidade e estilo. Oliveira (1985) observa que a corrente da fala pode fazer com que o acento não ocorra na última sílaba.

O autor também considera que o acento não é distintivo no Katukina. Todas as palavras dessa língua têm o acento na última sílaba quando isoladas. Anteriormente à análise que leva em consideração a corrente da fala, bem como processos morfológicos, Oliveira (1985) diz ter entendido o Katukina como tendo uma estrutura de três pés: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos.

Aguiar (1985, 1994, 2003) também diz que a sílaba tônica no Katukina ocorre no final da palavra. Aguiar (1985) identifica em suas transcrições apenas um item que não obedece a essa regra. Ademais, Aguiar (1988, p. 20) também afirma que “o acento de intensidade, ao nível de palavra, ocorre sistematicamente na última sílaba, de modo que, nesse nível, ele não tem capacidade distintiva”.

Considerações Finais

Como se pode observar na exposição de descrições fonéticas e fonológicas do Katukina, os estudiosos interpretam as transcrições de uma língua, sendo essa uma das razões para a existência de divergências entre eles. Descrições linguísticas são também interpretações. Diante disso, cabe questionar o caráter científico das descrições. Uma interpretação pode ser científica?

É claro que a interpretação feita na descrição de uma língua se firma nos dados e nas teorias e é por meio dos dados e das teorias que a descrição é feita. Entretanto, se considerarmos que os dados são transcritos e que o melhor que podemos alcançar com as transcrições, como afirmam Duranti (1997) e Paiva (2003), contém imperfeições?

Assim, as descrições das línguas da maneira como vêm sendo feitas não são inteiramente científicas, pois alguns de seus métodos tradicionais, transcrever e interpretar, não são completamente científicos. A língua sim é um objeto científico, como bem observou Saussure (2012). Todavia, nem todos os nossos métodos alcançam o nosso objeto.

Referências

AGUIAR, Maria Suelí de. The Brazilian Panoan languages. In: WETZELS, Willem Leo (Ed.). *Language endangerment and endangered languages: linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area*. Leiden: CNWS, 2007. p. 39-50.

_____. A nasalidade em Katukina e em outras línguas Pano. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 193-210, dez. 2003.

_____. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. 1994. 405 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000076988>>. Acesso em: 18 mar. 2011.

_____. *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. 1988. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1988. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000036522>>. Acesso em: 31 mar. 2011.

_____. *Fonologia do Katukina*. Campinas, SP, 1985 (manuscrito).

BARROS, Luizete Guimarães. *A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukína (Páno)*. 1987. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1987. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000043970>>. Acesso em: 18 mar. 2011.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic anthropology*. New York: Cambridge University Press, 1997.

FALCHI, Flávia Leonel; AGUIAR, Maria Suelí de. Língua Katukina (Páno): alguns processos fonológicos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 13., 2012, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2012. p. 18-19. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_Caderno_Colo%C3%8C_quio_2012.pdf?1336094173>. Acesso em: 9 ago. 2013.

_____. Fonêmica preliminar da língua Katukina (Páno). In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63., 2011, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2011. p. 1-15. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/FLAVIA_L.PDF>. Acesso em: 1 mar. 2012.

FALCHI, Flávia Leonel. *Revisão fonêmica do Katukina Páno*. 2013. 70 f. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

_____. Estrutura silábica da língua Katukina (Páno). In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE LETRAS, 32., 2011, Goiânia. *Caderno de resumos*. Goiânia: [s.n.], 2011. p. 68. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_Caderno_de_Resumos_ENEL_-COMPLETO.pdf?1330319329>. Acesso em: 28 jun. 2012.

GÓES, Paulo Roberto Homem de. *Infinito povoado: domínios, chefes e lideranças em um grupo indígena do alto Juruá*. 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <www.neip.info/html/objects/_downloadblob.php?cod_blob=747>. Acesso em: 30 mar. 2011.

ISHY, Priscila Hanako. *Uma análise fonológica da língua Kaxarari (Pano)*. 2009. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Português e Inglês) - Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2009. Disponível em: <http://www.unucseh.ueg.br/bibliotecaunucseh/acervo/monografias/graduacao/letras/ano/ano_2009/tccllet_analise_kaxarari_ishy_2009.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2011.

LANES, Elder José. *Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas amazônicas: as línguas Pano*. 2005. 358 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LIMA, Edilene Coffaci de. *Katukina: história e organização social de um grupo Pano do alto Juruá*. 1994. 201 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 105-146.

MISSÃO NOVAS TRIBOS. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1982a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1982b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1982c.

_____. *Katukina*: cartilha nº 4. Manaus, 1982d.

_____. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1977a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1977b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1975.

OCHS, Elinor. Transcription as theory. In: OCHS, Elinor; SCHIEFFELIN, Bambi B. (Eds.). *Developmental pragmatics*. Nova Iorque: Academic Press, 1979. p. 43-72.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Campinas, SP, 1985 (manuscrito).

PAIVA, Maria da Conceição de. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-146.

PAULA, Ruth Wallace de Garcia. *Caderno Kaxuyâna (Karib); Katukina (Pano); Tiriyo (Karib)*. [S.l.], 1969 (manuscrito).

PIKE, Kenneth Lee. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

RIVET, Paul. Les Katukina: étude linguistique. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, Paris, t. 12, p. 83-89, 1920.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FLÁVIA LEONEL FALCHI

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Cursou Bacharelado em Estudos Linguísticos por essa mesma universidade. CV: <http://lattes.cnpq.br/2531569993797797>. E-mail: flavialfalchi@gmail.com.